

A HISTÓRIA EM DESCONCERTO: A TEORIA DA HISTÓRIA NA ANÉKDOTA DE PROCÓPIO DE CESAREIA

Victor Ribeiro Villon¹

Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

E-mail: victorvillon@gmail.com

Palavras-chave: Procópio de Cesareia. Antiguidade Tardia. Teoria da História. Bizâncio.

Como bem sabemos não só os homens e povos possuem história, mas as palavras também a possuem. É preciso confessar que a história de certas palavras é mais notória e desperta desde muito o interesse. Mas há também aquelas palavras de história menos conhecida e que, em geral, nos surpreende. Pretendo dar início a esta comunicação apresentando a origem da palavra “anedota”, que em minha opinião seguramente faz parte do segundo grupo, isto é daqueles vocábulos cuja história nos surpreende. Pelo menos foi a sensação que tive quando pela primeira vez defrontei-me com sua etimologia e até onde esta pode nos levar.

Anékdota (Ἀνέκδοτα) significa literalmente em grego “o que não foi publicado”. O prefixo ἀ, indicador da negação, antecede o adjetivo ἔκδοτος (ékdotos), do verbo ἐκδίδωμι (ekidídomi), que significa “produzir para fora”, “entregar” e “publicar um discurso” como nos explica o dicionário Bailly. Mas a quais textos inéditos a etimologia refere-se? Trata-se dos inéditos de Procópio de Cesareia. Texto de caráter eminentemente inédito e secreto, tanto que se intitula em grego simplesmente *Anékdota* e mais tarde em latim *Historia Arcana*, daí a tradução para *História Secreta*. Mas antes de tudo, é preciso situar o autor no conjunto de sua obra, para que assim possamos compreender o lugar singular que é ocupado pelas *Anékdota*.

Procópio de Cesareia nasceu na região da Palestina, por volta do início do século VI, em uma rica família da elite local. Como assinalou o bizantinista estadunidense Warren Treadgold (2009), Procópio fora criado dentro dos princípios de um cristianismo ortodoxo, o que então implicava acreditar em milagres e demônios. E como bom cristão da época achava que os demônios poderiam fazer tanto mal quanto os deuses pagãos. Mas Procópio de

¹ Atualmente desenvolve pesquisa de doutorado sobre as *Anékdota* de Procópio de Cesareia, sob orientação da Profa. Dra. Flávia Schlee Eyler (História, PUC-RJ).

Cesareia também teve uma formação baseada na leitura dos antigos escritores que compunham o panteão das letras greco-romanas. É ainda Tredgold (2009) que nos diz:

Procópio adquiriu uma vasta educação clássica, que lhe capacitava a escrever em um límpido e gracioso grego ático, com as apropriadas alusões literárias, sobretudo, a Tucídides. Ele pôde estudar retórica na cidade próxima de Gaza, naquele tempo famoso centro de estudos clássicos. E também teve uma vasta educação de jurista e bom conhecimento de latim [...] (TREADGOLD, 2009, p. 177). (Tradução nossa.)

Como podemos constatar a obra de Procópio de Cesareia inscreve-se nessa dimensão temporal da história do Ocidente que denominamos de Antiguidade Tardia. Homem de sólida formação clássica, que se inspirou nos antigos modelos da historiografia grega, mas que possuía também a cosmovisão da ainda relativamente nova religião, o cristianismo.

Procópio de Cesareia adentrou os cânones da historiografia com sua *História das Guerras de Justiniano*. Aí nesses oito livros, ele nos narra as guerras levadas a cabo por aquele que é considerado o último imperador romano com o intuito de reaver e manter a integridade dos territórios do Império Romano. Em 527, Procópio entrou para os serviços do General Belisário e graças a tal função pôde presenciar *in loco* parte do que se tornaria seu objeto de pesquisa. Esteve na Guerra contra os Persas (527-530), contra os Vândalos no norte da África (533), contra os Ostrogodos, na península Itálica (536). Escreveu também, instado pelo imperador Justiniano, *Dos Edifícios*, texto que glorifica as grandes construções empreendidas pelo imperador.

Mas aqui o meu interesse volta-se especificamente para a parte inédita da obra do historiador de Cesareia, como já foi dito: as *Anékdota*. O que não pôde ser dito na história oficial, não deixou de ser posto em papel. Seguramente, não sem grande temor e tergiversações de diversas ordens, pois é o próprio autor que abre as suas *Anékdota* afirmando que:

A razão disso é que não seria possível, enquanto os atores dessa história ainda estivessem vivos, escrevê-la da maneira que conviesse. De fato não seria possível escapar à multidão de espiões, tampouco de perecer de uma morte cruel, caso viesse a ser desmascarado. Mesmo aos mais íntimos de meus próximos não poderia ter confiança. Ainda mais nos livros que precederam, aí foi preciso calar-me sobre as causas de muitos acontecimentos que narrava. Logo, será necessário revelar, ao mesmo tempo, o que ficou dissimulado até agora e as causas dos acontecimentos que narrara anteriormente em meu texto (CESARÉE, 2009, p. 28). (Tradução nossa.)

A existência de uma obra inédita de Procópio de Cesareia era somente conhecida através da *Souda*, essa espécie de enciclopédia literária bizantina *avant la lettre* com aproximadamente trinta mil entradas, onde às etimologias somam-se informações sobre personagens notórios e fragmentos de diversos autores. Mas foi o erudito italiano Nicoló Alemanni (1583-1626) que não só descobriu na Biblioteca do Vaticano, como também traduziu para o latim, este texto que, até então, os humanistas renascentistas davam por perdido. Assim lemos na primeira edição, publicada no próprio ano da morte de Alemanni, em 1625: “De Procópio de Cesareia: *Anékdota*, História Secreta, que é o nono livro das Histórias. Da Biblioteca do Vaticano Nicoló Alemanni publicou, em latim traduziu e com notas esclareceu. Agora pela primeira vez é trazida à luz e enriquecida com um triplo índice” (CAESARIENSIS, 1625, p. 2). Desde então esse livro desconcertante é objeto de controvérsias. Trata-se de um panfleto maldoso ou do testemunho fiel de um historiador, preocupado em exorar para a posteridade todos os vícios do reino de Justiniano, e que não fora possível dizer na sua obra oficial?

O interesse que suscitou o livro pode ser demonstrado pela incorporação da palavra *anecdote* à língua francesa ainda no século XVII; o mesmo século que vira a descoberta desses inéditos de Procópio. É ao historiador francês Antoine Varillas (1624-1696) que se atribui a primeira utilização do termo. No prefácio do livro *Les Anecdotes de Florence ou l'Histoire Secrète de la Maison de Médicis*, Varillas (1689) declarou que possuía as *Anékdota* de Procópio como modelo e, por isso mesmo, tentara, na mais legítima *imitatio*, seguir-lhe o método na sua gesta secreta dos Médicis:

Se Procópio, que é o único autor do qual nos resta anedotas, tivesse deixado por escrito as regras desse gênero de texto, eu não seria obrigado a fazer um prefácio, porque a autoridade desse excelente historiador, que a *Imprensa Royale* acaba de nos dar tão corretamente, seria suficiente para colocar-me ao abrigo de todo tipo de crítica, supondo que eu as tivesse observado com exatidão (VARILLAS, 1689, p. 2). (Tradução nossa.)

Como se há de perceber, o século XVII parecia compreender as *Anékdota* como pertencentes a um gênero historiográfico, que possuiria as próprias regras. Varillas esmerou-se em retirá-las da leitura de Procópio, visto que desconhecia tratado que fixasse as regras do gênero. Era a palavra que era reinventada em francês, com sentido moldado em referência às *Anékdota* de Procópio de Cesareia; já distante do antigo significado grego de “não publicados” ou “inéditos”. Antoine Furetière, um dos primeiros e mais importantes

lexicógrafos franceses, não só explicita a etimologia direta com as *Anékdota*, como também endossa Varillas ao considerá-las uma forma específica de se fazer história:

Termo do qual se servem alguns historiadores para intitular as histórias que fazem das coisas secretas e escondidas dos príncipes, quer dizer, as memórias que não vieram à luz e que não foram publicadas. Eles imitaram nisso Procópio, historiador que assim intitulou um livro que fizera contra Justiniano e sua mulher Teodora. É o único dos antigos que nos deixou anedotas, e que mostrou os Príncipes tais quais eram em casa. Varillas fez as Anedotas, ou História Secreta da Casa de Médicis. Essa palavra vem do grego que significa coisas que não foram publicadas, que foram mantidas secretas, que não foram dadas ao publico (FURETIÈRE, 1701, p. 158). (Tradução nossa.)

A veracidade contida no que pretendia ser a continuidade da *História das Guerras de Justiniano* será motivo de grandes debates, o que se refletirá no próprio deslocamento semântico da palavra “anedota”. Como vimos, o termo parecia, em um primeiro momento, concernir àquela categoria de história que se dedicava a desvelar os grandes na intimidade e pequenez; talvez, assemelhando-se em parte com a “história da vida privada” dos nossos dias. Mas se os dicionários atuais ainda preservam a definição de: “particularidade curiosa que acontece à margem dos eventos mais importantes, e por isso geralmente pouco divulgada, de uma determinada personagem ou passagem histórica” (HOUAISS, 2001, p. 211), dificilmente haveremos de encontrar atualmente quem endosse a definição de Varillas e Furetière. Em outras palavras, diríamos que de gênero historiográfico no século XVII, a “anedota” passou a ser o relato de algo simplesmente risível, sem maiores intuítos e sem qualquer vínculo mais direto com a disciplina da História.

Montesquieu (1721) utilizou as *Anékdota* como uma das fontes para a redação das *Considerações sobre as Causas da Grandeza dos Romanos e de sua Decadência*, apesar de algumas reservas quanto à fiabilidade dessa fonte, em geral, considerou-a digna de confiança:

Eu não seria naturalmente levado a acreditar em tudo o que Procópio nos diz na sua *História Secreta*, porque os elogios magníficos que fizera desse príncipe [Justiniano] em suas outras obras enfraquecem seu testemunho nesta, onde ele o descreve como o mais estúpido e o mais cruel dos tiranos. || Mas confesso que duas coisas fazem com que eu seja pela História Secreta: a primeira, é que ela se liga melhor com a espantosa fraqueza em que se achava esse império no fim desse reino e nos seguintes. || O outro é um monumento que ainda existe entre nós: são as leis desse imperador, onde se vê, no correr de alguns anos, a jurisprudência variar mais do que fez nos trezentos últimos anos de nossa monarquia. || Essas variações concernem, na maior parte, a coisas de tão pequena importância que não se vê nenhuma razão que tivesse levado um legislador a fazê-las, a menos que se explique

isso pela *História Secreta*, e que se diga que esse príncipe vendia igualmente seus julgamentos e leis (MONTESQUIEU, 1721, p. 113). (Tradução nossa.)

Edward Gibbon (1828) parece ter se aproximado de Montesquieu na avaliação da veracidade contida nas *Anékdota*; entre as fontes consultadas para *Declínio e Queda Do Império Romano*, ao traçar o perfil de Justiniano, o historiador inglês do século XVIII concluiu sobre Procópio de Cesaréia parecer não muito distante daquele do filósofo francês:

O adulator, enganado em suas esperanças, deixou-se ir talvez pelo prazer da vingança secreta e um gesto de favor poderia tê-lo determinado a suspender ou a suprimir um libelo, no qual o Ciro romano é somente um odioso e desprezível tirano, onde Justiniano e sua mulher Teodora são seriamente representados como demônios que assumiram a forma humana para destruir o gênero humano. Essas vergonhosas variações mancham sem dúvida a reputação de Procópio e prejudicam a confiança que ele poderia inspirar; entretanto quando separamos o que lhe dita a malignidade, descobrimos que o fundo das anedotas [sic] e mesmo os fatos mais vergonhosos, dos quais alguns deixara entrever em sua história pública² são endossados na verossimilhança ou em testemunhos autênticos contemporâneos (GIBBON, 1828, p. 212-213). (Tradução nossa.)

Já Ernest Renan (2009) admirou o estilo e a originalidade de Procópio de Cesareia, mas como bom exegeta percebeu as intenções tácitas inerentes ao texto. Em artigo publicado no *Journal des Débats* afirmava Renan (2009) que:

A *História Secreta* é, sob esse aspecto, uma obra preciosa e sem igual, uma verdadeira obra de arte, sem que o autor tivesse desconfiado disso. O ideal da banalidade e do mal, o quadro de um século baixo e malvado, não achará jamais um tal mestre para pintá-lo. Após ter lido esse livro estranho, não mais nos espantamos com a hipótese à qual o autor recorreu para explicar tantos crimes; é que Justiniano e Teodora não são Homens, mas os demônios que, para fazer a maior quantidade de mal possível, tomaram a forma de seres humanos (RENAN, 2009, p. 202). (Tradução nossa.)

Mas é Arnaldo Momigliano (1975) que aponta para interessante aspecto desse livro de próprio de Cesareia. Para o historiador italiano, haveria muitos exemplos de textos da Antiguidade que se aproximavam das *Anékdota*. Mas a semelhança dava-se somente em determinados trechos. Em Procópio a corrupção do governo de Justiniano é o tema principal a que se dedica o historiador. Assim nos diz Momigliano (1975):

² Gibbon faz referência a *História das Guerras de Justiniano e Dos Edifícios*, publicadas quando da vida de Procópio e que não degridem a imagem de Justiniano e Teodora.

Mas eu conheço somente uma obra na qual a corrupção do governo torna-se o próprio assunto da história e dá forma por isso a sua própria estrutura. Aludo, como se percebe, a *Anecdota*, à História Secreta de Procópio, esse estranho produto de uma observação e de uma vingança mantida em segredo por anos e talvez por décadas. [...] Na literatura antiga que chegou até nós, as *Anedotas* de Procópio são isoladas, ainda que não seja difícil encontrar páginas análogas como confirmação em escritores contemporâneos tal como João de Lido e o historiador eclesiástico João de Éfeso – em qual texto, como é notório, conservou-se parcialmente uma versão siríaca (MOMIGLIANO, 1975, p.65). (Tradução nossa.)

A pergunta que devemos fazer é por que as *Anékdota* surgem como a única obra da Antiguidade que se debruça com especial desvelo a esmiuçar a corrupção e os males de um governo. O fato da obra ser escrita nos estertores do que consideramos a Antiguidade não há de ser atribuída a mera coincidência. Acredito que essa característica que sobressaiu aos olhos de Momigliano pode, talvez, ser explicada pelo cristianismo. O Homem cristão diverge em muito do pagão greco-romano, seus anseios e seu modo de estar perante a vida são guiados por mundividências distintas. O cristianismo trará ao mundo greco-romano uma exigente disciplina moral. O cristão deve a todo tempo se policiar, pois há uma força superior única que a tudo domina e que exige de cada indivíduo um cultivo diário de palavras e atos, assim diz Veyne (2005, p. 94): “Com o cristianismo [...] a moral é ordenada por Deus (e não pelo costume). É este último que dita regras absolutas que não conhecem derrogação. A moral cristã não consiste em ensinar o que se faz, mas fazer o que Deus quer”.

O cristianismo funda-se com o pressuposto da culpa; não nos esqueçamos de que o Cristo viera redimir a humanidade do pecado original. Além disso, o divino para gregos e romanos não está fora da *φύσις* (*phýsis*). Os deuses são criaturas imortais, mais fortes e poderosas do que os Homens seguramente, porém todos se originaram do mesmo caos primevo. O Deus hebreu, que mais tarde também será o Deus cristão, está fora do tempo, é alfa e omega, princípio e fim; a existência da qual os seres humanos fazem parte faz-se simples e unicamente graças a sua vontade.

Ora, considerando diferenças tão marcantes de formas de apreender o divino, poderia aventar algumas hipóteses interpretativas da singularidade das *Anékdota*. É bem entendido que não pretendo resolver todas as questões que são levantadas pelas afirmações que acabo de fazer. Trata-se de um conjunto de hipóteses que ainda encontram-se em fase de pesquisa, entretanto já seria possível indicar os principais traços que até aqui se afiguram.

Procópio de Cesareia escreve para denegrir a memória de Justiniano e não poupa esforços para avivar todos os vícios e defeitos do imperador, independente do grau de veracidade de cada um deles. Para o pensamento cristão não haveria forma mais eficaz do que

mostrar o quanto Justiniano e sua mulher Teodora contrapunham-se às inquestionáveis virtudes que cada Homem cristão deveria cumprir. O pecador é aquele que se contrapõe à vontade divina; é aquele que faz ouvidos moucos à mensagem de Cristo, é o que aponta Collingwood (2001):

O dever do indivíduo é tornar-se um instrumento voluntário da prossecução das suas finalidades objectivas. Se lhe faz oposição, não pode dete-lo ou ateralo; tudo o que pode fazer é assegurar a sua própria condenação, frustrando-se e reduzindo a sua vida à futilidade. Trata-se de uma doutrina patrística: o Diabo é definido por Hipólito — um dos primeiros escritores cristãos — como o ἀντιπαταῶν τοῖς χριστιανοῖς. (Aquele que se opõe às coisas do universo) (COLLINGWOOD, 2001, p. 73).

A imperatriz Teodora alvo do ódio de Procópio de Cesareia, nada mais é do que um dos exemplos desses pecadores, como diz Maraval (2009, p. 19): “O que Procópio e seu meio não perdoam à esposa de Justiniano é ser uma mulher independente, que toma iniciativas, que longe de ser submissa, submete o marido [...]”. Nada mais contrario às palavras de São Paulo na *Epístola aos Efésios*: “Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos maridos” (EFÉSIOS, 5:24).

Para o historiador alemão Reinhart Koselleck (2006), até meados do século XVIII, a escrita da História se daria sob o signo do que denominamos de topos da *Historia Magistræ Vitæ*. Através do estudo dos feitos e das vicissitudes dos homens do passado poder-se-ia não só conhecer o que ocorrera em tempos pretéritos, mas, sobretudo, retirar ensinamentos para vida. A História era então compreendida como um manancial de *exempla*, haja vista que a natureza humana era *ad æternum* a mesma. Ao debruçar-se atentamente sobre as narrativas de Heródoto, Tucídides ou Plutarco, o leitor estaria a formar o seu espírito, sabendo dessa forma como agir perante situações semelhantes àquelas vividas por seus precedentes.

Procópio de Cesareia não foge aos topos da *Historia Magistræ Vitæ*, entretanto, faz com que esse atue de forma um tanto diversa. Aqui não mais estamos diante dos *exempla* edificantes da virtude; Procópio também não emparelha a virtude e o vício, lado a lado — como fizera Plutarco ao inserir dois anti-heróis nas *Vidas Paralelas*: o Rei Demétrio e Antônio — o que estrutura a narrativa é o vício da corte de Justiniano em si mesmo. É a intimidade do casal imperial que é atacada. Procópio tece uma hagiografia ao contrário, apresenta exemplos que não devem ser seguidos por cristãos. A interiorização do Homem cristão pode ser exemplificada na figura do santo. Aquele que fez escolhas conforme a vontade de Deus, aquele que traçou o curso de sua vida em direção da santidade. Os santos

seriam *exempla* morais a serem seguidos pelos fiéis. Nas hagiografias os Homens poderiam se interar de modelos que os guiarão na vida mais pessoal, nos mais íntimos detalhes. A hagiografia é a sagração da individualidade santa. Já as *anékdota* nos apresentam um mal *exempla*, as escolhas de um soberano que levam ao pecado, o que não há de ser seguido.

Não estamos a dizer que a Antiguidade pagã não possuía textos em que homens e mulheres eram difamados, mas como sublinhou Momigliano (1975), não com tanta ênfase a ponto de ser o principal tema de um historiador. Além disso, o que é criticado em Justiniano, Teodora e sua corte como um todo, são críticas de alguém que enxerga a partir do prisma da constante vigilância que o cristianismo impusera a seus fiéis.

A *Historia Magistrae Vitae* invertida, que se faz presente nas *Anékdota*, a perceber Justiniano como a encarnação do demônio, é um dos primeiros textos historiográficos que apontam nitidamente para uma releitura da ideia História pagã. Releitura com cores que refletem, em muitos aspectos, o pensamento cristão sobre a História e a forma como esta é apreendida. Não são mais as virtudes cívicas ou políticas, tampouco a temperança do *μηδέν ἄγαν* grego ou do *ne quid nimis* romano, nada em demasia, que desdobrara-se anteriormente em correntes filosóficas como o estoicismo e o epicurismo. Agora o que está em jogo é a perfeita adequação à moral cristã, pois só há um Deus; é uma única e precisa verdade que se encontra nas escrituras. O governante mais do que ninguém há de ser um bom cristão. Os novos cânones estavam estabelecidos e teriam longa vida, de uma forma ou de outra, nos panfletos e nas disputas políticas então vindouras.

Referências

CAESARIENSIS, Procopius. *Anekdotia arcana historia, qui est liber nonus historiarum*. Tradução e Comentários de Nicoló Alemmani. Lyon: Andreae Brugiotti Bibliopolae Romani 1625. Disponível em: <<http://books.google.com/books?id=YuEPAAAAQAAJ&hl=pt-BR>>.

CÉSARÉE, Procope de. *Histoire Secrète*. Tradução e Comentários de Pierre Maraval. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

COLLINGWOOD, R. G. *A Ideia de História*. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

EFÉSIOS. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Paulus, 2008. Capítulo 5, versículo 24.

FURETIERE, Antoine. *Dictionnaire Universel*. Haia ; Rotterdam: A. et R. Leers, 1701.

GIBBON, Edward. *Histoire de la Décadence et de la Chute de l'Empire Romain*. Paris: Ledentu Libraire, 1828.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RJ; Contraponto, 2006.

MOMIGLIANO, Arnaldo. L'età del Trapasso fra Storiografia Antica e Storiografia Medievale. In: _____. *Quinto Contributo alla storia degli studi classici e del mondo antico*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1975. Tomo I, cap. III, p. 49-71.

MARAVAL, Pierre. Introduction in Procope de Césarée: *Histoire Secrète*. In: CÉSARÉE, Procope de. *Histoire Secrète*. Tradução e Comentários de Pierre Maraval. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

MONTESQUIEU, Charles de. *Considérations sur les Causes de la Grandeur des Romains et de leurs Décadence*. (1721) Paris: Garnier-Flammarion, Éditeur, 1968. 188 p.

RENAN, Ernest. Anekdotia ou Histoire Secrète de Procope. Journal des Débats, 19 jul. 1857. In: CÉSARÉE, Procope de. *Histoire Secrète*. Tradução e Comentários de Pierre Maraval. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

TREADGOLD, Warren. *The Early Byzantine Historians*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2009.

VARILLAS, Antoine. *Les Anecdotes de Florence ou l'Histoire Secrète de la Maison de Médicis*. Haia: Adrian Moetiens, 1689.

VEYNE, Paul : Ce que le christianisme a changé. *L'Histoire*, Paris, n. 302, out. 2005.